



CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **Religião e ciência**. São Paulo: Paulinas, 2014. 101 p.

Jair Souza Leal*

Este livro faz parte da coleção “Temas do Ensino Religioso”. De conteúdo introdutório, visa tornar o assunto familiar aos interessados na educação religiosa escolar ou, de modo mais geral, a quem se dedica aos estudos da religião, particularmente estudantes de cursos de Ciências da Religião. Escrito com “rigor acadêmico e objetivo didático”, apresenta subsídios epistemológicos e discute a conflitante relação entre ciência e religião, apresentando caminhos para o diálogo. O autor é graduado em Física e Teologia, o que lhe confere formação adequada. É professor titular da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião. Coordenou a seção de Epistemologia do *Compêndio de Ciência da Religião*. Seu livro está dividido em seis capítulos, que iniciam com os objetivos e terminam com questionamentos úteis além de bibliografias pontuais.

Conflito? É o título do primeiro capítulo. Nele o autor reconhece haver conflitos entre religião e ciência, mas procura minimizar a real proporção do mesmo, sugerindo sua não necessidade. Avalia que a mídia e certas literaturas maximizam o conflito. Assim, por meio de um panorama histórico, desconstrói

Resenha recebida em 31 de agosto de 2014 e aprovada em 04 de fevereiro de 2015.

* Mestrando em Ciências da Religião. País de origem: Brasil. E-mail: jairsouzaleal@hotmail.com.

parte do conflito ao reconhecer que são conhecimentos com objetos e objetivos distintos, que podem caminhar em paralelo e em diálogo.

O segundo capítulo *Religião, Teologia e Ciência: os conceitos*, como indica o título conceitua os termos. O autor entende que “parte da noção de conflito nasce de uma confusão comum e compreensível entre ‘religião’ e ‘teologia’”. Em seguida pontua como a religião cristã, hegemônica, foi sucumbindo à pluralidade, e como o sagrado, o divino, o mito, o mágico-religioso, principais formas de explicações de mundo, tiveram de enfrentar o surgimento da ciência moderna. Por fim, destaca como a teologia e a religião cristã enfrentaram a teoria proposta por Darwin.

No terceiro capítulo *Ciência e modernidade: a “tradição recebida”*, o autor retoma o tema proposto no capítulo anterior para conceituar “ciência”, seu progresso, consolidação e triunfo, a partir do mecanicismo, passando pelo método indutivo e culminando no positivismo. Tais mudanças fazem emergir o secularismo, que agora relega a religião a segundo plano, fortalece o ateísmo e o sentimento de que a ciência substituiu a religião, com o desencantamento da natureza.

Noma: coexistência entre diferentes é o título do quarto capítulo, sendo *noma* uma sigla inglesa que traduz o conceito de “magistérios não interferentes”, onde, com o avanço e amadurecimento da ciência, seus proponentes entendem ser ciência e religião conhecimentos válidos com funções e papéis distintos, e se “falam de coisas diferentes, não têm por que competir”. Tais conceitos não ficam sem objeções, em especial o argumento de que o pluralismo religioso privatizou a religião, enquanto a ciência se estabelece como universal e de domínio público.

Sínteses atuais: avanço? É o título do quinto capítulo, nele o autor aponta como as duas grandes guerras mostraram que a ciência pode ser usada para o progresso e também para a destruição, assim como a ciência pura como fonte de explicação da vida não traz sentido à vida. Conforme o autor, algumas “alternativas

se apresentam hoje como sínteses entre ciência e religião”, alternativas especialmente presentes nos novos movimentos religiosos, porém, insuficientes, inapropriadas e até perigosas. Desta forma o autor defende a “integridade tanto da ciência como da religião”, mesmo como polos em constante tensão.

Em seu último capítulo, *Secularização? Caminhos para sugerir a relevância do diálogo ciência-religião*, o autor propõe premissas que, de maneira sintética, apontam “caminhos possíveis para um diálogo possível e respeitoso” entre religião e ciência. Faz críticas à teoria da secularização e das “religiões seculares”. Afirma que a religião pode ser a voz da sabedoria para a ciência na indicação do uso das novas descobertas que sempre correm o risco de pretender ultrapassar as barreiras do humano.

Por fim o autor faz uma breve conclusão onde retoma de forma resumida os argumentos dos capítulos. Inclui um apêndice que visa conciliar ciência e religião. Como livro de introdução, alcançou o objetivo proposto de apresentar o tema de forma clara, didática e com rigor científico. Pensamos que tema tão vasto e complexo não poderia ser tratado de modo exaustivo em tão poucas páginas. E, como o autor reconhece, o tema religião gravita, na perspectiva ocidental, em torno da experiência histórica do cristianismo. Resta saber se a análise do mesmo tema a partir da história do oriente ou de outras religiões trará conclusões semelhantes. O autor indica que a análise a partir da religião cristã e da história do Ocidente tem servido como padrão explicativo para o modo como aqui se configuram as relações entre ciência e religião.